

POR QUE A LIBERDADE É UMA ESCOLHA FORÇADA?

João Angelo Fantini

Quando Lacan nos disse, de forma um tanto enigmática a princípio, que a escolha pelo simbólico, pela linguagem, era uma “escolha forçada”, pois a “opção” pela psicose, pelo fora do simbólico seria algo que já está dado ao sujeito, além de decretar que a loucura não é uma questão de livre escolha, ele abriu as portas para outros entendimentos que se estenderam a outros campos do conhecimento humano, entre eles a política. A escolha forçada aponta a postura de não ceder do desejo e a implicação – diante de momentos cruciais a vida—assumir uma responsabilidade compulsória.

Partindo desse ponto de compromisso, quando no final do mês de Maio de 2020 soube de última hora, em plena pandemia do covid, de uma manifestação na Avenida Paulista (há meses perguntava historicamente nas redes sociais se teria mais alguém disposto a sair as ruas para confrontar o crescente movimento antidemocrático que quase semanalmente ocupava a avenida em São Paulo, clamando pela volta da ditadura) senti que, diferente de outras pessoas que argumentavam – sensatamente – que seria uma exposição burra ao risco de infecção, não se tratava de uma “escolha”, mas que havia chegado o momento em que qualquer outra decisão diferente seria uma forma de ceder do desejo, no caso, de liberdades democráticas que acredito, teria implicações irreparáveis, se não para o país, ao menos para mim.

Foi significativo que quem organizou o movimento não autorizado (pois na época não se estava solicitando autorização dos poderes públicos para manifestação nas ruas, já que quem estava se manifestando eram apenas “as pessoas de bem” com suas camisas amarelas e algumas com bastões americanos de beisebol) tenha sido uma torcida de futebol, composta em sua quase totalidade por pessoas negras. As outras barbaridades, como o fato da polícia no momento do confronto (que consistia somente em ofensas verbais de parte a parte) ter resolvido que nosso lado é que deveria receber as bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo (acompanhadas de cassetetes), algum dia serão estudadas por aqueles que vão avaliar sobre a importância desse confronto em meio a apatia das “forças democráticas” que lutavam com tuítes e posts nas redes sociais.

A liberdade, tão vendida nos comerciais hoje e causa de debates políticos quase tão insossos quanto, não estava desfilar na Avenida Paulista, de nenhum lado. Há tempos nesse século “liberdade” se tornou sinônimo da defesa da possibilidade de exercer escolhas dentro do campo da legalidade jurídica (igualdade legal de salários iguais, direito ao casamento legal entre não héteros, etc), uma forma de legalidade abstrata igualitária, uma forma de “liberdade de escolha” pessoal, em contraponto com o que se concebia com frequência como luta pela liberdade no século XX, qual seja, liberdade não como igualdade pessoal, mas como possibilidade de cada ter autonomia para agir em um papel específico, dentro em uma ordem hierarquizada. Salvo o fato de que as necessárias lutas por igualdade especialmente no campo de gêneros fosse uma luta pouco levada a sério pelas forças chamadas “de esquerda” e nesse sentido, foram extremamente bem-vindas, nesse processo, por outro lado, se perdeu o que de tanto ser usado de forma frívola se tornou quase cômica, o fundamental aspecto econômico da *Luta de Classes*.

A Luta de Classes, para além da fundação em termos clássicos do marxismo, não consiste na luta em termos historicamente “reais”, vamos dizer assim, tais como sair da posição de proletário para a de dono dos meios de produção, já que, no correr da história aprendemos que, o que é um ou outro, se torna cada vez mais indistinguível. Antes, a Luta de Classes deveria ser pensada na mesma linha do estatuto do Real da *Escolha Sexual* em Lacan, no sentido de que “não há escolha sexual” pois que toda escolha de gozo já está dada no inconsciente, antes de ser reduzida a qualquer formulação

anatômica ou de gênero. Da mesma forma, posição particular de cada um na luta de classes é antes sentida como algo inevitável, compulsório (porque construída socialmente com e além do sujeito), a despeito muitas vezes do quanto de dinheiro você tenha em relação ao outro ou a posição social você seja reconhecido, embora em grande parte das vezes esses aspectos tenham influência poderosa nessa percepção social.

Corte rápido, no momento em que devido a uma cirurgia me encontro tentando voltar a andar, sou assediado por imagens do filme *Janela Indiscreta* de Alfred Hitchcock (no qual um fotógrafo com a perna fraturada se vê destinado a ver a vida passar do lado de fora do seu apartamento através das lentes da sua câmera) concluo – alegoricamente - que voltar a andar – no sentido da Luta de Classes, da Escolha Sexual ou da Luta pela Liberdade – não é uma “opção” como escolher o sabor de um sorvete ou como devo agir sexualmente, mas uma imposição sobre o fato de que a única escolha “livre” é aquela que você não pode deixar de fazer e pela qual vale a pena lutar sob qualquer risco.